
PATERNIDADE ATIVA: A LÓGICA DAS REDES SOCIAIS

Tuany Abreu de Moura

Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará- UFC. Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará- UECE.

E-mail: tuany.abreu@uece.br

PATERNIDADE ATIVA: A LÓGICA DAS REDES SOCIAIS

ACTIVE PATERNITY: THE LOGIC OF SOCIAL MEDIA

Tuany Abreu de Moura

RESUMO

Esse artigo é o compartilhamento dos resultados da pesquisa intitulada **Paternidades Contemporâneas**: um estudo sobre paternidade “ativa” e “positiva” nas redes sociais (2018 -2021). Esta dissertação buscou compreender a “paternidade ativa” entendida como uma das manifestações das paternidades contemporâneas. Essa paternidade teve as redes sociais *on line* como principal espaço de visibilização e debates, geralmente realizados por produtores de conteúdo para demarcar uma prática de paternidade que participa ativamente na economia do cuidado dos filhos e do lar. Esta paternidade estabelece uma relação horizontal entre os integrantes da família. Nosso objetivo nesse artigo é mostrar a relação que essa paternidade manteve com as redes sociais. O estudo foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica e de campo ancoradas em uma abordagem qualitativa. O campo da pesquisa foi constituído pelas páginas e canais de redes sociais online de pais e influenciadores digitais produtores de conteúdos sobre *paternidade ativa* no período de 2018-2021. As incursões realizadas ao campo tiveram como inspiração o método etnográfico. Desse modo, houve a elaboração de diário de campo e banco de dados on line para registrar as observações realizadas em imagens, áudios, vídeos e textos postados das redes analisadas. A hipótese que interpretamos a *paternidade ativa* repousa no processo de ressignificação do ser pai frente as mudanças da sociedade contemporânea embasada nos conceitos de liberdade, igualdade e individualização.

PALAVRAS-CHAVE: paternidade ativa, redes sociais, masculinidades.

ABSTRACT

This article shares the results of the research entitled **Contemporary Fatherhoods**: a study of "active" and "positive" fatherhood on social media (2018-2021). This dissertation sought to understand "active fatherhood" as one of the manifestations of contemporary fatherhood. This paternity has had online social networks as its main space for visibility and debate, generally carried out by online content producers to demarcate a paternity practice that actively participates in the economy of caring for children and the home. This paternity establishes a horizontal relationship between family members. Our aim in this article is to show the relationship that this paternity has with social networks. The study was carried out using bibliographical and field research anchored in a qualitative approach. The field of research consisted of the pages and online social media channels of fathers and digital influencers who produced content on active fatherhood in the period 2018-2021. The forays into the field were inspired by the ethnographic method. Hence, a field diary and online database were created to record the observations made on images, audio, videos and texts posted on the networks analyzed. The hypothesis behind our interpretation of active fatherhood lies in the process of re-signifying being a father in the face of changes in contemporary society, based on the concepts of freedom, equality and individualization.

KEY WORDS: active fatherhood, social media, masculinities.

1 Introdução

O ideal da paternidade que vem sendo proposta e (re)construída por movimentos sociais e apresentada em documentos de entidades internacionais e nacionais, nas últimas décadas do século XX encontra nas primeiras décadas do século XXI com as redes sociais em um contexto social neoliberal, que vem construindo novas sociabilidades. O que podemos esperar desse encontro?

A paternidade como um campo da investigação científica não é uma novidade do século XXI, os estudos sobre reprodução sexual, família(s), maternidade(s) e paternidade(s) vem tendo espaço na academia desde o século passado. Diferentes correntes abordaram essas temáticas de estudos, nosso recorte partiu de uma perspectiva feminista de interpretação da realidade, que presa pela igualdade de gênero na questão da reprodução (MEDRADO, LYRA, 2012).

As bandeiras de lutas e os questionamentos feitos pelos movimentos sociais feministas e de liberação sexual, atualmente reconhecido pela sigla LGBTQIAPN+¹, chegaram na universidade na segunda metade do século XX, e influenciaram novas epistemologias sobre o entendimento da realidade. Assim, novas perspectivas de explicar a realidade foram pensadas por cientistas sociais de forma crítica. Foi nesse contexto de produção que se construiu o conceito de gênero que expôs o sistema sexo-gênero vigente em nossa organização social.

O conceito de gênero desmistifica a explicação de diferenças sociais por justificativas biológicas pousadas nas diferenças dos corpos, pondo em xeque o machismo e o racismo científico que foi produzido pela academia. Nessa esteira, chamamos atenção para o movimento de pluralização em diversos conceitos que antes eram singulares como a exemplo, da compreensão de família que passa para famílias².

¹ Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuado, Pansexual, Não Binário e o símbolo de mais (+) apontam para a continuidade ou existências de demais gêneros.

² Considerando e reconhecendo a existência de novos paradigmas familiares e a disputa pela legitimação social destes, a investigação acadêmica passou a considerar e compreender a categoria Família no plural. As famílias podem ser classificadas enquanto no número de pessoas que compõem os laços familiares, podendo ser mono ou pluri, também pela forma em que se organizam podendo ser recomposta ou por adoção (UZIEL, 2007).

Quando os estudos sobre gênero começam a se delinear, por volta de 1970 um movimento que foi denominado como men's studies³ começaram a questionar a ideia do homem e do masculino, o homem perdeu o seu lugar de neutralidade, sinônimo de humanidade, e passou a ser interrogado também como um tipo de gênero. O homem e as masculinidades entraram nos diálogos sobre a reprodução da vida nas diferentes áreas do conhecimento.

Logo a paternidade se mostrou dentro dos estudos das ciências sociais e humanas como um momento de desconstrução e (re)construção de uma nova forma de ser homem e de (re)configurar o que era entendido como masculino. Estudos passaram a apontar o surgimento de uma nova paternidade, que passa a estabelecer novos valores para o lugar do pai (GOMES; RESENDE, 2004) dentro da família e da sociedade.

O que se chamou de nova paternidade foi ganhando contornos e passou a ser adjetivada, a paternidade *responsável*. O qualificativo responsável foi atribuído ao paterno após a “conferência do Cairo” (ARILHA, 1999). O adjetivo “institucional” marcou o primeiro passo para a desconstrução da *paternidade tradicional*. Esse primeiro momento é marcado por iniciativas do Estado, por meio de políticas e movimentos sociais (governos e sociedade civil organizada) para a saúde do homem, o incluindo na questão reprodutiva e do planejamento familiar (PEREIRA, 2015).

Ao longo do tempo outros adjetivos foram sendo incorporados a ideia da paternidade: *Paternidade tradicional, paternidade presente, paternidade responsável, paternidade ativa, paternidade afetiva, paternidade positiva, paternidade socioafetiva e paternidade consciente, paternidade neuro compatível*. Esses foram os adjetivos encontrados para se referir e definir a paternidade até o ano de 2022.

Uma década passada da “Conferência do Cairo”, em 2014 o documento “Guia de Paternidad Activa para Padres⁴” foi lançado pelo Fundo da Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no Chile. O conteúdo do guia enfatizava a construção de uma relação afetiva entre pai e filho, por meio de uma criação que demonstrasse carinho e respeito pela criança.

³ Nas décadas de 60 e 70 do século passado surgiram estudos que marcaram a reflexão sobre o gênero masculino nos países anglo-saxões. Ver mais em SOUZA, Márcio Ferreira. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). In: **Mediações revista de ciência sociais**. v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4510>>.

⁴ Guia da Paternidade Ativa para Pais, tradução da autora.

Ao pai não bastava ser responsável e participativo, mas ativo nos cuidados com os filhos, nessa relação a criança é entendida como um sujeito de direitos e não um pertence do pai.

Apesar de ter sido lançado em espanhol em uma parceria da UNICEF com instituições Chilenas, o documento parece não ter permanecido restrito ao território do país. Pois, podemos observar os princípios apresentados por esse guia nas redes sociais de pais que produzem conteúdos sobre a paternidade ativa no Brasil, dessa forma podemos apontar que teve repercussões internacionais com o acesso facilitado pelo desenvolvimento da tecnologia da informação⁵.

No Brasil o termo ganhou popularidade a partir de 2015 nas redes sociais on-line estabelecidas em plataformas de empresas multinacionais (D'ANDREA, 2020) como; *Instagram, Youtube, blogs e podcasts*. Homens pais encontraram nas redessociais um espaço para compartilhar o momento de transformação que a paternidade lhes proporcionava, compartilhavam a descoberta da *paternidade ativa*.

Inicialmente compartilhando descobertas e trocando experiências cotidianas de forma experimental, “amadora”, com quem tivesse interesse ou estivesse no mesmo processo, descobrindo como ser pai e revisitando sua forma de ser homem, ao ser cobrado demonstrar amor e carinho e se colocar em lugar de igualdade no cuidado dos filhos com as companheiras posição que se contrapõe aos princípios básicos do que é ser homem dentro da masculinidade hegemônica⁶.

O fundamento da *paternidade ativa* consiste na demonstração de afeto, essa característica encontrou nas redes sociais um terreno fértil, uma porta para explorar além de novas sociabilidades e partilhas de experiências em enorme escala entre pessoas, também possibilitou a construção e exploração de novos mercados.

A *paternidade ativa* passou a ser defendida e divulgada amplamente por perfis de homens que se apropriavam de seu conteúdo e compartilhavam nas redes sociais, diferente da *paternidade responsável* que tinha os Governos e Instituições da sociedade civil organizada como seus principais expoentes por meio de políticas de saúde e campanhas oficiais.

⁵ Processo de popularização da internet que conecta máquinas e pessoas pelo mundo e de dispositivos cada vez mais acessíveis em valor e estrutura.

⁶ A masculinidade hegemônica é considerada normativa e dominante, explicitando a pauta política misógina e homofóbica, que reafirma o modelo patriarcal da sociedade.

Ao falar sobre *paternidade ativa*, algo ainda recente, perfis de homens nas redes passaram a ter “visibilidade” e “autoridade” (RECUERO, 2020). Pois, as redes sociais que passaram a disseminar a *paternidade ativa* se alimentam dos sentimentos, da vida, do cotidiano das pessoas comuns e as tornam em mercadorias dentro das construções de sociabilidades e subjetividades neoliberais. Assim, muitos pais passaram a produzir seus conteúdos de forma profissional e obtendo ganhos materiais por meio de parcerias pagas⁷e/ou vendas de cursos, que conseguiam através do “engajamento” que tinham sobre o mercado que se abria.

Frente a esse caldeirão de mudanças socioculturais na contemporaneidade de formas de sociabilidades intermediadas pela internet, de disputas de desconstrução e construção de masculinidades e famílias, buscamos compreender a *paternidade ativa* por meio dos produtores de conteúdo sobre a temática nas redes sociais. Ao longo do trabalho intitulado **PATERNIDADES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO SOBRE PATERNIDADE “ATIVA”E “POSITIVA” NAS REDES SOCIAIS**, questionamos quem eram os sujeitos que estão produzindo sobre a *paternidade ativa* nas redes sociais? Como os produtores de conteúdo definem e caracterizam a *paternidade ativa*? Quais os elementos que a constitui?

O foco deste artigo está em apresentar as descobertas feitas centradas na primeira e segunda questão acima. Nosso objetivo aqui é apresentar a lógica das redes sociais e como esta influencia a produção de conteúdos nas páginas pesquisadas. Para conseguir alcançar nossos objetivos e responder nossas questões realizamos uma pesquisa etnográfica nas seguintes plataformas: instagram, youtube e spotify. Nessas redes mapeamos as principais contas de produtores de conteúdos sobre a *paternidade ativa*. Para nos situarmos dentro desse campo, precisamos compreender sobre como funciona essas redes sociais.

2 As redes sociais

Para utilizar a internet e as redes sociais online como campo de pesquisa fez-se necessário compreender suas estruturas e características para podermos nos posicionar estrategicamente dentro desse universo. A primeira atitude a tomar foi desnaturalizar o acesso

⁷ A parceria paga ocorre quando uma marca ou empresa financia de forma pontual ou constante o conteúdo de uma página ou conta em redes sociais.

à Internet e redes sociais instantâneos como fazemos habitualmente por notebooks, *smartphones* e demais aparelhos. Para isso, inicialmente questionamos o que é a internet? Segundo Cendon,

A internet é uma rede global de computadores, ou, mais exatamente, uma rede que interconecta outras redes locais, regionais e internacionais. Para o usuário final, a impressão que se tem é que se trata de uma só rede, já que de qualquer ponto onde se está pode-se comunicar com qualquer outro computador, independentemente de onde ele estiver ou de que tipo ele seja [...]. A interconectividade ampla entre os diferentes computadores que participam da internet é garantida pelo uso em toda a rede de um conjunto de protocolos padrão, o TPC/IP. Desta forma, recursos informacionais, que antes, apesar de acessíveis por redes, eram isolados, ou ilhados, podem, na internet, ser oferecidos de maneira integrada (CENDON, 2000, p.01)

Em suma, a principal característica da internet é conectar informações em rede. Se olharmos para a história da internet percebemos que esta é uma invenção relativamente recente data do conflito da guerra fria, sendo inicialmente de uso exclusivo de governos, geralmente para fins militares. Até o final da década de 1980 a internet foi principalmente aplicada para investigações científicas com fins acadêmicos.

Seu uso comercial foi liberado em 1987, mas era necessário conhecimento técnico para operar os sistemas restringindo o público de usuários a apenas aqueles com conhecimento/formação técnico. Em 1990 a internet tomava novos caminhos se tornado mais acessível para aqueles sem muito conhecimento técnico com a criação de um sistema global para documentos multimídia o World Wide Web (WWW). Esse programa, segundo Cendon;

Ao fornecer um ambiente gráfico que permitia a interação com o sistema através de facilidades tais como cliques de mouse, menus, janelas, e barras de rolagem, diminuiu a necessidade de conhecimento técnico por parte do usuário, contribuindo para aumentar o número de atores que poderiam participar da rede (CENDON, 2000, p. 2)

Com o passar dos anos a internet se tornou cada vez mais popular e acessível, apesar de que para ter acesso é necessário pagar pelo serviço. Em 2005 uma nova forma de utilizar a internet foi inaugurada com a chamada Web 2.0, a partir dessa mudança o usuário da rede poderia além de usufruir dos conteúdos postados, seria capaz de também contribuir com a sua construção. A ideia central de novo modelo era o aproveitamento da inteligência coletiva. De acordo com D' Andréa:

Com a chamada Web 2.0, inaugurou-se, a partir de 2005, uma nova “lua de mel” entre os novos serviços online e as pesquisas em internet e cibercultura. Durante vários anos, termos como “cultura da participação”, “sabedoria das multidões” e

“inteligência coletiva” foram amplamente usados para se compreender um conjunto de práticas e inovações que prometiam “democratizar”, “horizontalizar” ou “descentralizar” as relações interpessoais, a política, a economia (D’ANDRÉA, 2020, p. 13)

No entanto, o que aconteceu no passar dos anos é que esse novo modelo de internet abriu caminho para o fenômeno das plataformas digitais a partir dos anos de 2010, a nova internet que foi idealizada como um canal de troca horizontal, é majoritariamente controlada pelas *Big Five*: Alphabet-Google, Amazon, Apple, Facebook e Microsoft, estas plataformas tornaram as relações assimétricas na Web.

Com a popularização e a massificação do acesso à internet, essa passa a despertar o interesse de pesquisadores e se torna objeto em si de investigação ou dependendo do objeto investigado se torna o meio. Essa procura por esse espaço virtual culminou na criação de um campo de investigação conhecido como Estudos de Ciências e Tecnologia, em inglês *Science and technology Studies* (STS).

Esses estudos utilizam métodos variados podendo ser qualitativo, quantitativo ou misto quali-quantitativo. A Teoria Ator Rede (TAR) é uma abordagem semiótica-material, é uma das mais utilizadas atualmente nesse campo. Um método utilizado para o estudo das redes sociais ancorado nessa teoria é a Análise de Redes Sociais (RECUERO, 2020).

Os estudos produzidos sobre o novo cenário online, depois da WEB 2.0, nos apontam o seguinte: “Defendemos aqui que, na contemporaneidade, os modos de se estabelecer vínculos na web não podem ser vistos fora de uma lógica de sociabilidade programada proposta pelas plataformas” (D’ANDRÉA, 2020, p.17). As plataformas online trouxeram a lógica comercial para as relações sociais online, não se trata apenas de comunicação e troca, mas também de negócios ligando usuários e empresas. Grande parte das “redes sociais online” são também “plataformas”. Dessa forma,

[...] devemos procurar entender tanto o modo como algoritmos, recursos tecnogramaticais – curtir, compartilhar etc. –, políticas de governança – como os termos de uso – etc. moldam as práticas e as percepções dos usuários, quanto as apropriações criativas, táticas e coletivas que recriam, cotidianamente, as plataformas (D’ANDRÉA, 2020, p. 18).

Tendo conhecimento do caminho percorrido pela internet e sua relação com o social, de seu surgimento até a contemporaneidade. Gostaria de destacar algumas características que são relevantes para os estudos que utilizam redes sociais e a internet como campo de

investigação, como este. Segundo Danah Boyd, socióloga estadunidense, a internet tem quatro características que são traços do digital, necessários de serem considerados no decorrer da pesquisa, que são as seguintes: **persistência ou permanência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade** (RECUERO, 2020).

De forma sucinta podemos identificar as características da seguinte forma, a **persistência ou permanência** se refere aos dados gerados por publicação, tudo que é publicado na rede fica gravado, arquivado e gera dados e metadados. A **replicabilidade** aponta que tudo que é postado é possível ser replicado, um arquivo pode ser reproduzindo inúmeras vezes e em diferentes espaços.

No tocante a **escalabilidade** todo arquivo publicado tem um potencial de escalar, ou seja, um arquivo disponibilizado inicialmente para uma comunidade de amigos pode ser compartilhado e circular em várias redes por compartilhamentos dos usuários alcançando centenas de pessoas, quem postou não tinha conhecimento ou o controle do alcance da sua postagem. Atualmente identificamos esse fenômeno pelo termo “viralizou”⁸.

Por último, a **buscabilidade** é uma característica que define a chamada Web, a existência de indexadores que permitem que os conteúdos postados sejam encontrados, esse aspecto é que a difere da deep web que não é indexada pelos mecanismos de busca. Devido a essas características neste trabalho consideramos as redes sociais online como espaços públicos de livre acesso.

Recueiro⁹ associa as características da internet com a sociabilidade realizada nas redes sociais online e chama a atenção para a construção de capital social pelos atores da rede. Estudando os valores envolvidos na construção do capital social nas redes sociais a autora apresenta quatro elementos relacionados, que são os seguintes: **visibilidade, reputação, popularidade e autoridade**.

⁸O termo viralizar é utilizado para um conteúdo postado na rede e alcança uma escalabilidade alta na internet, sendo visualizado, compartilhado e comentado por centenas de pessoas.

⁹Recuero, Boyd entre outros autores desse campo de estudos inicialmente se referiam a interação mediada pelo computador como “sites de redes sociais”, não consideravam essa interação em si construtora de redes sociais. A partir da evolução da web 2.0 e os desdobramentos desta com a criação de plataformas o acesso cada vez mais popular com novos aparelhos como *smartphones*, entre outros apontamentos passou a considerar essas interações mediadas pela internet como “redes sociais online”, pois não somente mantém laços já existentes, mas atuam e moldam a criação de novos laços sociais, sendo a mudança no nome não apenas uma questão semântica, mas com significado social.

A **visibilidade** é um valor “decorrente da própria presença do ator na rede social” (RECUERO, 2020, p.109). Devido a conexão entre os *nós* na rede a visibilidade social de um *nó* pode aumentar, como aponta a autora:

Aumentar a visibilidade social de um nó tem efeitos não apenas na complexificação da rede, mas, igualmente no capital social obtido pelo autor. Alguém pode intencionalmente aumentar sua visibilidade no Twitter, por exemplo, utilizando-se de artifícios para aumentar o número de seguidores, apenas para popularizar seu blog (RECUERO, 2020, p.109)

Além dessa propriedade a visibilidade também é a base para a formação de outros valores como o da reputação. A **reputação** é uma avaliação qualitativa agregada a outros valores sobre um ator realizada pelos demais atores com que se relaciona que “implica em três elementos: o “eu” e o “outro” e a relação entre ambos” (RECUERO, 2020, p. 109).

Segundo Recuero, a internet é um lugar em que é fácil construir reputação, pois se tem mais controle sobre as impressões de que se quer passar, vale lembrar que os conteúdos podem ser escolhidos e editados antes da circulação pública. Portanto,

A reputação, assim, refere-se às qualidades percebidas nos atores pelos demais membros de sua rede social. Ela pode ser gerenciada através dos sites de redes sociais, uma vez que cada ator pode, como já explicamos, construir impressões de forma intencional. Com essa intencionalidade, um determinado nó poderia trabalhar na construção de sua própria reputação, seja através das informações publicadas, seja através da construção de visibilidade social (RECUERO, 2020, p.111).

Outro dos quatro valores observados nas redes sociais online é a **popularidade**. Este valor possui um aspecto quantitativo, relacionada ao número de "likes" ou "curtidas", seguidores e comentários em uma postagem, ela está vinculada com a característica de permanência ou persistência que permite verificar a popularidade. A autora explica a popularidade com valor nas redes da seguinte forma:

A popularidade é um valor relacionado à audiência, que é também facilitada nas redes sociais na internet. [...] Trata-se de um valor relativo à posição de um ator dentro de sua rede social. Um nó mais centralizado na rede é mais popular, porque há mais pessoas conectadas, a ele e, por conseguinte, esse nó poderá ter uma capacidade de influência mais forte que outros nós na mesma rede (RECUERO, 2020, p.111)

A popularidade também pode se relacionar com a Autoridade, nosso último valor a ser demonstrado. A **autoridade** está vinculada a capacidade de influência de um nó na rede social, ela pode se associar com a reputação. Geralmente que deseja se tornar uma autoridade

produz conteúdos sobre algum assunto específico, esse tipo de ator busca não somente construir intimidade com os outros, mas construir uma audiência (RECUERO, 2020).

Os apontamentos feitos acima nos permite perceber como as características e valores desse espaço virtual possibilitou o surgimento de novas profissões e categorias sociais, com a era dos blogs existiram aqueles que investiam em seu capital social – associando valores acima – se tornaram os chamados “blogueiros”, o YouTube também gerou os chamados “youtubers” e com o surgimento do Instagram e na circulação entre as plataformas vimos ser construído, o *formador de opinião*, o *influenciador digital* ou somente *influencer*.

Ciente das características da internet (persistência ou permanência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade) e dos valores presentes nas redes sociais online (visibilidade, reputação, popularidade e autoridade) que geram capital social para atores (RECUERO, 2020), e não menos importante o processo de plataformização da web, nos últimos anos que além de ter uma ideal de comunicação também tem uma lógica de mercado que transformou as relações sociais (D’ANDRÉA, 2020) passamos a analisar as contas e conteúdos produzidos por homens e pais nas redes sociais.

3 A paternidade ativa nas redes sociais

Para compreender e analisar as iniciativas de “novas” paternidades no Brasil, a partir de perfis de homens ou “grupos” de homens que produzem e socializam conteúdos em plataformas digitais de interação social sobre o tema da *paternidade ativa*. Acompanhamos as trajetórias desses sujeitos rumo ao exercício desse novo modelo de paternidade, por meio dos conteúdos postados em suas redes sociais sobre o tema. Os princípios que regem e orientam os pais ativo em suas relações cotidianas familiares devem ser a liberdade, igualdade e amor.

Com base no método da etnográfico realizamos incursões ao campo buscando compreender e construir o conhecimento compartilhado nos diferentes espaços para compor um entendimento sobre a *paternidade ativa*. Estabelecendo um olhar sistemático sobre o campo, tendo como objetivo acompanhar homens pais em redes sociais *on line* mapeamos perfis que produzem sobre o tema investigado, e para isso a

plataforma escolhida como ponto de partida foi o *Instagram*¹⁰, devido ao grande número de usuários que a plataforma possui, as suas características e os usos feitos pelos usuários desta aplicação.

O recorte feito foi orientado pelos valores da rede deixando para análise os perfis que tivessem capital social de impacto, refletido pelo alcance das discussões que geravam levando em conta a visibilidade, autoridade e engajamento em suas postagens. O número de seguidores contou como uma prerrogativa de recorte, estipulamos um mínimo de mil seguidores inicialmente. Chegamos a um total de 31 contas mapeadas no *Instagram*. Segue a planilha com todas as contas selecionadas.

Perfil no Instagram	Nº de seguidores	Informações da descrição e links disponíveis de outras plataformas.
1. @piangers	1,1 milhão	Criador de conteúdo de palestrante. Tem canal no YouTube e site. Autor do livro <i>Papai é Pope</i> .
2. @paizinho, vírgula	163 mil	Criador de conteúdo digital. Autor do livro <i>Abrace seu filho</i> . Líder certificado de grupo de apoio pela Attachment Parenting International, e também educador parental certificado pela Positive Discipline. Além do Instagram tem Site, canal no YouTube Association, podcast
3. @escurecendofatos	130 mil	Luã Andrade. Aquisição faladeira, paternidade e FORABOLSONARO.
4. @eupapai	147 mil	Família pelo ponto de vista paterno. Pai do João e da Helena. Casado com @eumamae
5. @famíliaquilombo82	115 mil	Criador de conteúdo digital. Canal no YouTube.
6. @homem paterno	102 mil	Criador de conteúdo digital, Pai e Naturólogo. Oferece cursos, orientações e consultoria para homens sobre gestação, parto e puerpério.
7. @papai flix	66,1 mil	Criador de conteúdo digital.
8. @pais pretos presentes	48,1 mil	Rede de apoio. Aqui móbamento e afro empreendedorismo. Outros canais de comunicação e oferta de cursos.
9. @faculdade do papai	46,7 mil	Educador Parental. Presente também no YouTube, Spotify e Telegrama
10. @papai agora	37,1 mil	Criador de conteúdo digital.
11. @paivemca	25,8 mil	Consultor parental, psicólogo em formação, jornalista e parceiro @paiefilhosoficial

¹⁰ Ver mais em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69635>.

12. @pai_mala	23,5mil	Colunista e embaixador da revista Pais & Filhos, Escritor e palestrante. Pai do Pedro e da Mariana. Educador parental - Certificado by Positive Discipline Association US. Palestrante e escritor. Canal no YouTube
13. @papaiemdobro	20,5mil	Criador de conteúdo digital. Pai do Augusto e do Hugo. Ativista #Ochatodarodaepodcaster.
14. @otadeufanca	19,5mil	Thiago Couto. Pai do Noah e da Maya. Dividindo afeto e transformando famílias.
15. @papaiurbano	16,4mil	Educador parental pela Positive Discipline Association. Autor do livro: Pai tem que fazer de tudo.
16. @paitemquefazerdetudo	15,1mil	Podcast
17. @tricodepais	12,1mil	
18. @marloncamacho	11,4mil	Pai do Joaquim e Antônio. Consultor familiar, oferta curso com foco na disciplina positiva, projeto Criança do Futuro canal no YouTube e autor do E-book: Como pareide gritare baternomeu filho.
19. @perfilpapai	11,1mil	Criador de conteúdo digital. Disciplina positiva.
20. @4_daddy	9.741mil	Parentalidades, masculinidade e economia do cuidado. #NegócioSocial.
21. @paternidadepositiva	9,198mil	Familycoach
22. @paideverdade	6,641mil	Criador de conteúdo e empreendedor. Site, canal no YouTube e telegrama.
23. @paidaspretinhas	5.995mil	Criador de conteúdo digital.
24. @sosendopai	3.586mil	Criador de conteúdo digital.
25. @afropai	3,043mil	Página do primeiro podcast sobre paternidade negra do Brasil.
26. @paiemformação	1,790mil	Blog pessoal, pai da vida real.
27. @entrefraldas	1,745mil	Podcast
28. @apaternidadeativa	1,357mil	Promover o Movimento da Paternidade Ativa. Pai da Maria Clara. Repensando o papel do pai #PaiNãoAjudaPaiCria
29. @papiodcast	1.134mil	Podcast de apoio sonoro às paternidades.
30. @papaidescomplicado	1,134mil	Blogueiro e líder do @papaisinfluenciadores
31. @balaiodepais	1.060mil	Página de podcast elaborado por um grupo de pessoas.

Fonte: elaborado pela autora, levantamento realizado durante 2019/2021.

Dos perfis selecionados encontramos contas individuais, contas coletivas e contas que serviam de base para divulgação de outros projetos em outras redes. A etapa seguinte

passamos a acompanhar cada conta individual e transitar por outras plataformas junto com os atores de cada rede. Assim, começamos a identificar padrões e sutis diferenças na produção do conteúdo.

De início podemos apontar que todas as contas seguem a lógica das redes sociais que estão alojadas. Cada rede tem suas próprias características e estratégias para alcançar os objetivos que se deseja em cada uma. Quem posta conteúdos em redes sociais, aprendi qual o melhor dia e horário para fazer postagem que tem mais alcance do público.

Sobre os qualificativos todas as contas que investigamos utilizam em suas postagens e *hashtags* utilizadas para gerar mais visualizações, os títulos das postagens são colocados de forma que gere uma polêmica ou um apelo de identificação por situações cotidianas que geram cansaço propondo uma solução ou um método inovador cheio de ferramentas. A linguagem transita entre o cômico, a raiva, indignação e o informativo. Como encontramos nesse *post*:

Fonte: prints realizados pela autora na página @paternidadepositiva, 2021.

Além da linguagem que podemos observar o post acima também revela um dos principais aspectos da *paternidade ativa* o afeto como pilar central, esse como um sentimento

acolhedor e compreensivo sobre a criança, como um sujeito em construção que está aprendendo em viver em sociedade, revela uma das transformações na instituição família. As relações hierárquicas evidentes nas famílias de outrora em que o respeito estava implícito no lugar em que cada um ocupava na família pai, mãe em lugar de poder e filhos de obediência, não funciona mais. O respeito tem que ser conquistado e as regras devem ser acordadas entre todos da família, relações horizontais são a nova regra. (SINGLY, 2007; ELIAS, 2012)

Dessa forma, a educação com base na punição, ameaça violência (física e psicológica) é inaceitável e combatida dentro da criação da *paternidade ativa*, assim a questão como educar com limites e amor é posta pelos pais e respondida por eles ao apelo de conhecimentos psicológicos transformados em guias práticos e ferramentas. A disciplina positiva (NELSEN, 2015), por exemplo, é uma das correntes amplamente divulgada como resposta as demandas dos pais ativos que visam seguir os princípios apresentados acima.

Além da Disciplina positiva, conhecimentos da neurociência sobre como os hormônios influenciam no desenvolvimento e comportamento das crianças, o apelo ao uso da inteligência emocional e mesmo o uso da prática da Comunicação Não-Violenta- CNV (ROSENBERG, 2006) na educação e criação dos filhos são utilizados como base para os conteúdos postados sobre como cuidar das crianças nas páginas analisadas. Essa aproximação, marca a ruptura que a *paternidade ativa* estabeleceu com os ensinamentos e modos de cuidar das gerações de pais anteriores.

Além da dimensão dos cuidados e educação em si, a prática da *paternidade ativa* propõe uma relação de igualdade entre o pai e a mãe em famílias de relação heterossexual, criticando princípios de um tipo de masculinidade. A igualdade de gênero é uma pauta muito presente nos conteúdos analisados.

A proposta do resultado que coletamos nos perfis de homens que produzem sobre a temática é que o pai se envolva na criação do filho desde sua concepção ainda no período gestacional e siga aprendendo o que for necessário para cada fase da vida desse novo indivíduo. E com tantas informações e novos conhecimentos, pais começaram a se especializar sobre parentalidade e postar vídeos, ofertar cursos, consultorias para famílias. Criando um questionamento é necessário estudar para ser pai? Encontramos repostas diversas para essa pergunta um grupo aponta que é essencial se preparar para a paternidade fazendo

cursos e estudando e outros que o afeto é a principal ferramenta, assim identificamos que existem duas correntes na produção sobre *paternidade ativa* nas redes sociais.

4 A sutil diferença na produção sobre paternidade ativa nas redes sociais

Aqui partimos do lugar comum que são as plataformas e suas lógicas de produção e interação e vamos buscas evidenciar as diferenças qualitativas que encontramos na produção dos atores que se conectam ou não. O início para perceber as diferenças presentes nos conteúdos apareceu com a questão apresentada acima sobre a necessidade ou não de estudar para exercer a paternidade na contemporaneidade e ficou mais presente a diferença nas entrevistas realizadas na fase de coleta de dados da pesquisa.

Quem acessa as diferentes páginas pela primeira vez vai encontrar conteúdos e dicas de ferramentas muito parecidas. Por falta de uma melhor definição até o momento vou dividir a produção em dois eixos referentes ao agrupamento que fizemos identificado nas próprias parcerias realizadas entre as contas. O primeiro eixo é formado por aqueles que defendem a ideia de estudar para ser pai. A produção de conteúdo é profissional, faz parte da renda familiar.

As contas que em geral ofertam cursos e consultorias como principais produtos de financiamentos são em sua maioria homens brancos, heterossexuais de classe média, consultores familiares, palestrantes e/ou *coachs* licenciados pelo instituto de Disciplina Positiva. Suas postagens abordam o cotidiano familiar e ferramentas para melhor gerenciá-lo. Embalados pela tônica da necessidade de estudar para ser pai, além das consultorias oferecem cursos com foco nas ferramentas da Disciplina Positiva visando a demonstração prática de como implementá-las no cotidiano.

“Estamos educando para um mundo que está sendo construído, profissões que serão inventadas onde a criatividade na resolução de problemas é mais importante em relação ao conhecimento sem aplicabilidade” (sic) essa é a tônica encontrada em algumas falas de pais, uma educação empreendedora surge no pano de fundo desse grupo que tem uma característica mais de individualização.

O foco em geral é dado na analogia “família empresa¹¹”, os pais devem saber quais as habilidades e competências que desejam que a criança desenvolva e para isso devem usar as ferramentas corretas, ênfase em quadros de rotina dando o passo-a- passo de como fazer e pôr em prática, dividir os afazeres domésticos incluindo as crianças, construir lista de comportamentos desafiadores e estratégias para evitar ou resolvê-los, são alguns exemplos.

As transformações sociais pautadas nesse grupo parte da ideia geral que a mudança individual gera uma mudança no coletivo sendo a pauta de gênero a mais abordada. As outras pautas de luta sociais como antirracismo e anticapacitismo aparecem de forma mais secundária sendo visibilizadas em momentos pontuais geralmente por meio de posicionamentos referentes a algum caso que repercutiu nas redes sociais.

O outro eixo é o que consiste nos pais que apostam afeto como principal para o exercício da nova paternidade, escolhas feitas de forma mais intuitiva sobre o conhecimento que se tem da criança e com agir de forma respeitosa, encontramos um perfil mais heterogêneo são homens, pretos, brancos, heterossexuais e homossexuais de classe média, existem nesse grupo consultores familiares e palestrantes, mas não são maioria. Os conteúdos produzidos se articulam entre o âmbito familiar e pautas sociais como raça e gênero, tendo perfis que se propõem a serem uma espécie de rede de apoio que é tocado de forma coletiva.

Registramos diferentes estratégias para angariar recursos financeiros nessas contas, para investimentos em melhorias e manter independência na produção de seus conteúdos, é por meio do financiamento coletivo e grupos fechados para apoiadores membros que contribuem com valores específicos mensais, havendo conteúdos exclusivos para cada faixa de preço. E parcerias publicitárias com empresas que coadunam com os princípios da página.

Os pontos convergentes entre os tipos propostos são os seguintes: ambos os grupos produzem conteúdo, monetizam e vendem produtos e infoprodutos, apesar dos conteúdos terem como foco os homens notamos que a maioria ou ao menos a metade das pessoas que seguem e acompanham o trabalho desses homens são mulheres.

As pautas sociais em evidência na atualidade: raça e gênero aparecem em ambos os grupos sendo que em um os debates de gêneros são mais preponderantes no outro a busca pela

¹¹A relação do funcionamento da família com uma empresa foi realizada por um pai ao exemplificar algumas ferramentas que explicava na aula que estava ministrando em sua conta explicando sobre o produto que estava ofertando.

interseccionalidade entre gênero e raça se faz mais presente. No entanto, apesar de ambos falarem sobre a igualdade de gênero nenhum aborda a temática do aborto, pois é um assunto muito polêmico e que pode gerar *cancelamento*¹² nas redes.

Apesar dos pontos de divergências e convergências desses tipos apresentados podemos sustentar a seguinte hipótese: o homem na contemporaneidade busca reencontrar seu lugar na família refletindo o masculino no lugar do cuidado e disputando pela ressignificação do termo pai como um cuidador em igualdade e com o mesmo significado de ser mãe perante a sociedade. A mais recente manifestação nas redes sociais sobre o tema tentando de fato demarcar o pai nesse lugar de cuidado é fazer a distinção entre pai e genitor, não lhe atribuindo maiores qualificativos. Simplesmente pai.

5 Considerações finais

Ao chegar na parte final do trabalho no qual analisamos a Paternidade Ativa nas redes sociais indicamos que as considerações aqui feitas não marcam o fim dessa pesquisa, mas uma fase inicial desse estudo, pois as múltiplas facetas que compõem o cenário das famílias e paternidades contemporâneas ainda requerem esforços de análise.

Por meio deste trabalho buscamos iniciar a compreensão desse novo contexto social em que as relações sociais acontecem em múltiplos espaços mediados por máquinas conectadas pela internet. Ainda é cedo para compreender o impacto das redes sociais nas sociabilidades em nossa sociedade, mas já podemos indicar que ela tem se tornado cada vez mais presente e transformadora das relações sociais.

O objetivo geral deste trabalho foi dar o primeiro passo para compreender a paternidade em um período de construção de subjetividades neoliberais mediadas e divulgadas pela internet. Desse modo, nos interessou olhar a perspectiva presentes nas redes sociais para produzir conteúdo sobre o tema e que influenciam ou dialogam com inúmeras famílias que alcançam por meio de seus posts.

¹² Cancelamento é um termo utilizado nas redes sociais para denominar uma conduta de desagradado dos seguidores sobre uma pessoa pública que por um posicionamento gerou desagradado, ele deixa de ser seguido e pode perder sua visibilidade e autoridade trazendo perdas reais pessoais, financeiras e/ou profissionais.

Ao mapear os produtores sobre paternidade ativa nas redes sociais utilizando a lógica das redes sociais (D'ANDRÉA, 2020). Traçamos um perímetro em ordem decrescente nas contas que apresentavam maior “capital social” para as que apresentavam um menor. O capital social pode ser comparado e analisado pela quantidade de seguidores e engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos) que o perfil gera na plataforma dessa forma chegamos aos produtores com maior visibilidade e “autoridade” no Instagram (RECUERO, 2020). Do *Instagram* transitamos por outras plataformas, mas apenas acompanhando sujeitos já identificados e selecionados.

Uma vez definido o campo podemos traçar o perfil de quem eram essas pessoas que produziam nas redes sociais e compreender quais os elementos constitutivos da *paternidade ativa* nas redes sociais. O perfil encontrado foi de um público urbano, concentrado predominantemente na região sudeste e sul do país, homens adultos de classe média, majoritariamente heterossexuais e em maioria homens brancos, tendo uma participação ainda em expansão de homens negros.

Como escopo de compreender o que era a *paternidade ativa*, quais suas características o que a constitui, transitamos na rede e encontramos como a principal referênciapara a utilização do termo o documento “Guia de Paternidad activa para padres” lançado pela UNICEF.

O guia foi o começo para a disseminação de uma paternidade focada na construção do vínculo afetivo entre pai e filho. Diferente da *paternidade responsável* que foi divulgada predominantemente por falas institucionais, por meio de políticas públicas e campanhas a *paternidade ativa* emergindo junto com a popularização das redes sociais passou a ser divulgada e apropriada por indivíduos que passavam pelo processo de descoberta da paternidade e exploravam as possibilidades e transformações que este momento de suas vidas lhes proporcionava.

Passado o primeiro momento da gestação, o nascimento e o crescimento das crianças que apresentavam novas demandas aos pais que não somente cuidados de

higiene, a paternidade ativa encontra nos conhecimentos produzidos pela psicologia e neurociência a resposta para conseguir implementar os princípios de liberdade, respeito e amor (SINGLY, 2007) nos cuidados cotidianos com os filhos. Sendo a Disciplina Positiva (NELSEN, 2015) o ponto alto da base para a produção dos vídeos que falam sobre os comportamentos das crianças como a “birra” e como lidar com eles de forma afetiva, mas impondo limites.

Essa forma de educar também indica que a paternidade investigada é um marco de ruptura entre gerações de pais. Pois os pais ativos estão à procura de outros modelos que não os difundidos culturalmente sobre a criação de crianças, pois a palmada, ameaças ou chantagem não são aceitas como métodos de educação. Dentro do contexto dessa paternidade a criança é compreendida como um sujeito de direitos e que deve ser respeitada em suas fases de desenvolvimento e do adulto é cobrado cada vez mais compreensão de seu lugar de responsável e regulador de emoções da criança (ELIAS, 2012).

* * *

Apesar de parecer um campo único encontramos sutis diferenças nas produções das páginas analisadas e classificamos em dois eixos um que tem uma orientação na ideia de “família empresa” e no outro eixo o “afeto intuitivo” como orientador da educação, mostrando diferentes concepções de mundo e defendendo diferentes sociabilidades.

Também vale destacar que a produção da *paternidade ativa* além de ser determinada somente pelos perfis de seus produtores, homens em sua maioria brancos (homens pretos estão cada vez mais participativos, mas ainda não são maioria) e de classe média, também é determinada pela política e dinâmica das plataformas que estão sendo veiculadas. Temas considerados tabus ou com pouca aceitabilidade popular com o aborto e gravidez de homens trans, não aparecem nos conteúdos investigados, apesar da igualdade de gênero ser um elemento constitutivo dessa paternidade.

REFERÊNCIAS

AGUAYO, Francisco; KIMELMAN, Eduardo. Guia de paternidade activa para padres. Santiago de Chile, CL: UNICEF, 2014. Disponível em: https://www.unicef.org/chile/media/1126/file/guia_de_paternidad_activa_para_padres.pdf. Acesso em: 19 set.2019.

ALMEIDA, Angela Mendes de. Notas sobre a família no Brasil. In: ALMEIDA, Angela Mendes de et al. Pensando a família no Brasil: da colônia a modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.

ALVES, Rachel Cristina Vesú. Metadados como elementos do processo de catalogação. 2010. 132 f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103361>. Acesso em:19 set. 2019.

D'ANDRÉA, Carlos. Pesquisando plataformas digitais on line: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Tradução: Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

ARILHA, Margareth Martha. Masculinidade e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução. Orientador: Fúlvia Rosemberg. 1999. 126f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontificia Universidade Católica, São Paulo, 1999. Disponível em:https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/24_arilha_margaret_termo.pdf. Acesso em: 19 set. 2019.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. O caos totalmente normal do amor. Tradução: Fernanda Romero Fernandes Engel e Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Editora, 1985.

BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BERNARDI, Denise. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. *Psic. Rev.*, São Paulo, v. 26, n.1, p. 59-80, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/28743>. Acesso em: 06 out. 2021.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução: Ricardo Giassetti. SãoPaulo: Aleph, 2009.

CAVALCANTE, Clarisse Castro. Desafio da maternidade ou da adequação?: análise dos discursos sobre ser mãe no Facebook, a partir do depoimento de Juliana Reis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0480-1.pdf>. Acesso em: 06 out. 2021.

CICHELLI, Vincenzo; PEIXOTO, Clarisse Ehlers. SINGLY, François de. (org.). Família e individualização. Tradução: Angela Xavier de Brito. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
CONNELL, Raewyn. Gênero: uma perspectiva global. Tradução: Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. In: Educação e Realidade, v. 20, n. 2, p.185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 07 ago.2019.

CORNEAU, Guy. Pai ausente, filho carente. Tradução: Fernanda Silva Rando. Barueri, SP: Manole, 2015.

CHAUVIN, Sébastien; JOUNIN, Nicolas. A observação direta. In: PAUGAM, Serge (coord.). A pesquisa sociológica. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2015.

DONATH, Orna. Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade. Tradução: Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. Revista Sociedade e Estado, v. 27, n. 3, set./dez.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/d8cs7Bb6zx8n83kgYdP7kRH/?lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2021.

FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.20, n.2, p. 119-125. mai./ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luiza Libânio. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HOOKS, Bell. Teoria Feminista: da margem ao centro. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LEBRUN, Jean-Pierre. Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Jose Nazar (org.). Tradução: Sandra Regina Filgueiras. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2004.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. Estudos Feministas, v. 16, n. 3, p.809-840., set-dez, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/7VrRmvB6SNMwQL5r6mXs8Sr/?lang=pt>. Acesso em: 06 out.2021.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. O gênero dos/nos homens: linhas de uma proto-genealogia. Ciênc. Saúde Coletiva, v.17, n.10, p. 2579-2581, out. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001000003>. Acesso em: 04 jul.2022

NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco 1995.

MÃE, Valter Hugo. O filho de mil homens. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MENDES, Lorena Sena Teixeira; ROCHA, Neusa Sica da. Teoria do Apego: conceitos básicos e implicações para a psicoterapia de orientação analítica. In: Revista Brasileira de Psicoterapia. v.18., n.3.,dez. 2016, p.1-15. Disponível em: https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=209. Acesso em: 06 out.2021.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em trinidad. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 out.2021.

MINATEL, Isabela. Crianças sem limites: educação empreendedora na primeira infância. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2019.

MINATEL, Isa. Temperamentos sem limites: como conseguir resultados com crianças da raiva e com crianças da tristeza. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2019.

NELSEN, Jane. Disciplina positiva. Tradução: Bernadette Pereira Rodrigues e Samantha Schreier. 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2015.

PELÚCIO, Larissa. Amor em tempos de aplicativos: masculinidades heterossexuais e anegociações de afetos na nova economia do desejo. 2017. 230f. Tese (Livre docência) – Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual de São Paulo, Bauru, 2017.

PEREIRA, Jamile Peixoto. Da paternidade responsável à paternidade participativa? Representações de paternidade na política nacional de atenção integral à saúde do homem (PNAISH). Orientador: Dagmar Elisabeth Estermann Meyer. 2015. 119f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

PIZA, Mariana Vassallo. O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica. Orientador: Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro. 2021. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. A família em desordem. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

SALEM, Tania. O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 232p.

SANTOS, Elisama. Educação não violenta: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SILVA, Caroline Guimarães. Maternidade, cultura e redes sociais: análise da interação social de mães solo através de netnografia e mineração de dados no Instagram. Orientador: Douglas Farias Cordeiro. 2020. 64 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

SILVA, Janaína. Pode uma mãe não gostar de ser mãe? As controvérsias acerca do feminino. Curitiba: Editora Appris, 2020.

SINGLY, François de. Sociologia da família contemporânea. Tradução: Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. “Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!”: narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais. Orientador: Beatriz Brandão Polivanov. 2019. 216 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

QUEIROZ, Thiago. Abrace seu filho. Caxias do Sul, RS: Editora Belas Letras LTDA.

UZIEL, Anna Paula. Homossexualidade e adoção. Rio de Janeiro: Gramond, 2007.

VIGOYA, Mara Viveros. As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa América. Tradução: Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2011.

Artigo recebido em setembro de 2022. Aprovado em novembro de 2022.